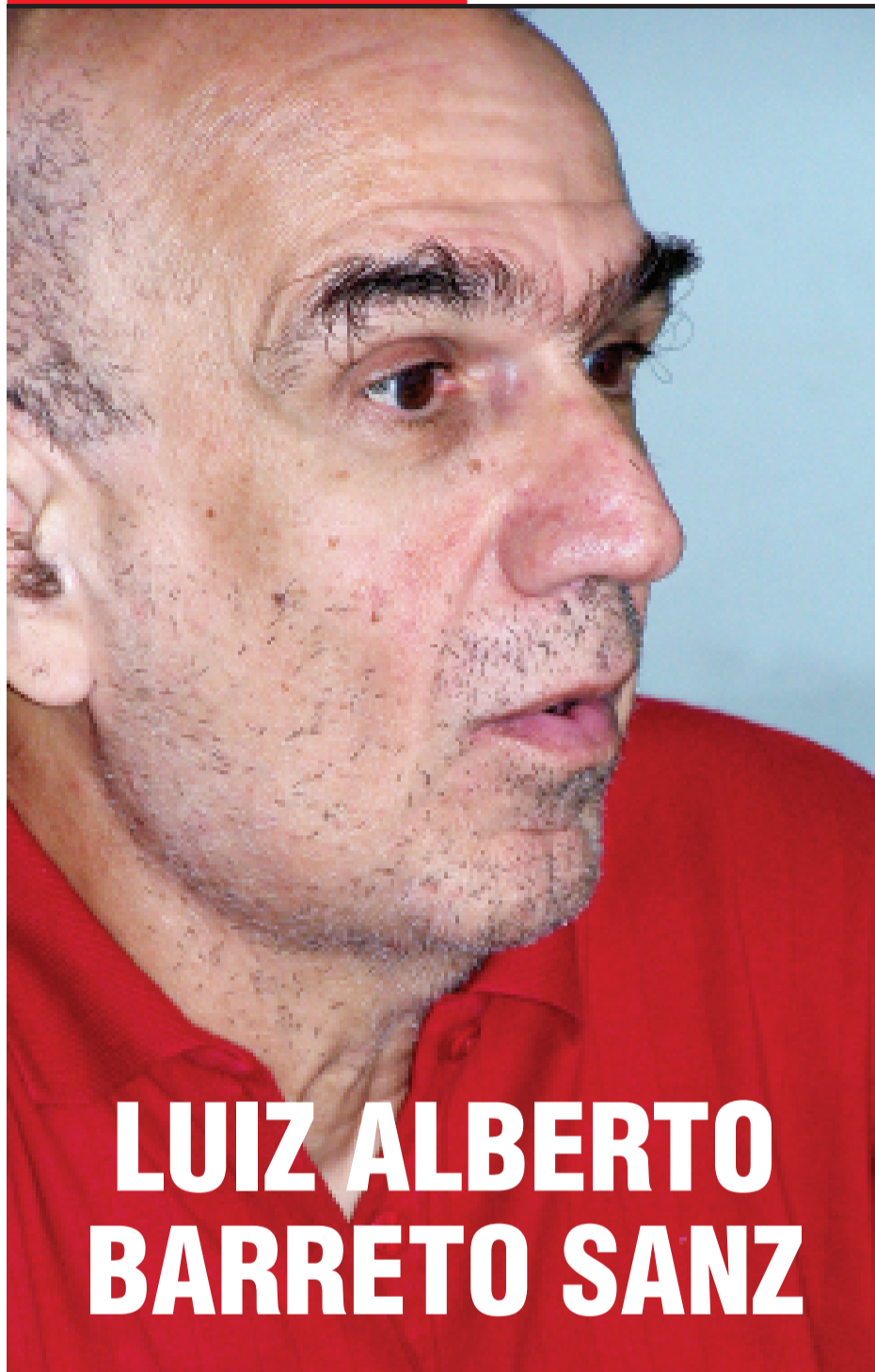


COM A PALAVRA



Fotos: ADRIANA GARCIA

LUIZ ALBERTO BARRETO SANZ

O jornalismo no Brasil é 'denuncista'

Um jornalista da "velha guarda", com uma longa trajetória de militância política e profissional. É esse o currículo trazido a tiracolo pelo professor notório saber da Universidade Federal Fluminense (UFF), Luiz Alberto Barreto Sanz, com seus 63 anos de idade, um carioca bastante afável, gentil, muito próximo dos estudantes, para os quais procura passar um pouco de sua vasta experiência, em especial na área de radiodifusão. Casado, pai de quatro filhos, Sanz tem em sua história de vida a participação no comando do grupo VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), que atuou na luta armada contra a ditadura militar. Essa postura contestatória o levou a nove anos de exílio, de 1971 e 1979.

Do ponto de vista profissional, Barreto Sanz começou atuando na Rádio MEC, no Rio, em 1962, foi crítico de cinema no Chile e ainda consultor na área de radiodifusão na Suécia, país no qual também residiu. No ano de 1987, acabou sendo anistiado no serviço público federal, sendo reintegrado aos quadros da UFF. Em sua passagem por Santa Maria, no mês de abril, quando palestrou para alunos do Centro Universitário Franciscano e também para estudantes do Mestrado em Comunicação da UFSM, Luiz Alberto Barreto Sanz criticou a visão que tem se propagado em relação às rádios comunitárias, que estariam perdendo sua finalidade. Também defendeu a continuidade da veiculação do programa de rádio a Voz do Brasil. Em relação ao governo Lula, mostra-se extremamente crítico, porém, fecha com o governo 'petista de coalizão' em pelo menos um aspecto - a implantação das cotas para negros e índios nas universidades. Acompanhe a seguir a entrevista:

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - Em que medida as rádios comunitárias podem representar uma alternativa para a sociedade, se contrapondo à ditadura da audiência, do patrocínio das rádios comerciais e do "jabá" das gravadoras?

Resposta - Eu acho que é, desde que elas sejam mesmo comunitárias, sem tendências e reprodução de domínio. Desde que seja feita pela comunidade e leve todas as crenças na produção ao ouvinte. Ter influência sobre a audiência é importante, pois a rádio será comunitária somente será se a recepção for comunitária. Se ficarem restritas àquele diâmetro a que elas têm direito e que a comunidade fique só na escuta. Ou seja, deve ter um conceito comunitário, que garanta a pluralidade da informação.

P- É possível observar que no jornalismo impresso e até mesmo na TV o espaço para o sensacionalismo foi sensivelmente reduzido. No rádio, entretanto, os programas de apelo popular, assistencialistas, ainda apresentam um espaço importante. Qual a sua avaliação sobre isso?

R- A maior parte desses programas apelativos contribuem profundamente para manter a submissão das classes populares aos interesses do grande capital e do estado. Eles aparentemente atendem ao interesse do povo, intermedeiam relações com o estado, quando essa não deve ser intermediada e sim ter um representante. Mas, como a rádio tem poder, o representante da comunidade só é recebido por um prefeito ou governador porque a rádio

interveio e propiciou isso ou o vereador tal, que por sua vez foi eleito pela rádio. O mecanismo deve ser o de representação popular, que deveria ser revogado, ou seja, você não é eleito por um mandato, você é eleito enquanto não for retirado pelos seus pares, que na verdade são os moradores. Minha visão federalista, ou seja, a partir da comunidade. Sou favorável à democracia direta e não à representativa. A comunidade tem a capacidade de revogar o seu representante. Acho que temos o direito de anular. Quem estiver representando a cidade, deve ter o contato com a comunidade em debates.

P- Está surgindo uma nova disputa da Rede Record contra a Rede Globo, com todo o seu

poderio econômico. O senhor acredita que para a população brasileira isso seria positivo ou seria mais uma guerra comercial?

R- Uma guerra comercial, na minha opinião, mas sempre é positivo não haver monopólio. O confronto interno no capital é válido. O que é negativo nisso é que a experiência que eu tenho é que quando um grupo se afirma no confronto com outro, utilizando a arma democrática, que a Record, apesar de eu não considerá-la uma emissora democrática, ela, por exemplo, na linha de novelas, está sendo mais democrática que a Globo. Acho essa novela das dez (22h) da Record muito boa. Também é boa a novela da Bandeirantes, que é uma adaptação do clássico português. Mas não é tão boa em termos de realização. A minha experiência é que quando